

Londrina-Imagens, Paisagens & Personagens um Olhar Geográfico pelo Atlas Digital

Lúcia Helena Batista Gratão

Geógrafa, Profa. DGEO/UDEL
lugrao@uel.br

Rosely Sampaio Archela

Geógrafa, Profa. DGEO/UDEL
roarchela@uel.br

Mírian Vizintim F. Barros

Geógrafa, Profa. DGEO/UDEL
vizintim@uel.br

Omar Neto Fernandes Barros

Agrônomo, Prof. DGEO/UDEL
onbarros@uel.br

RESUMO

A cidade se compõe por múltiplas imagens; múltiplos olhares; múltiplas percepções! Estudada por diferentes métodos, técnicas e ferramentas e os mais variados objetivos. Na leitura e representação dessa pluralidade em conceber a cidade encontra-se o "Atlas Digital Urbano Ambiental de Londrina". Os atlas digitais são ferramentas extremamente úteis para os propósitos de estudos e planejamento. Um olhar geográfico pelo atlas digital possibilita a obtenção de informações valiosas a respeito de aspectos sociais e ambientais. Através dos atlas digitais, a cartografia também vem utilizando novas tecnologias, que somadas à cognição contribuem para o conhecimento da cidade. Embora exista um considerável volume de informações sobre Londrina, este é o primeiro atlas digital disponível na Internet. As imagens geradas por meio da cartografia digital, são ferramentas fundamentais que podem indicar novos caminhos. Agora navegamos através do conhecimento e essa nova forma, inclui as teorias psicológicas, semiológicas e cognitivas. Nesta direção, segue nosso texto. Londrina foi despertada nos anos de 1920, quando a Inglaterra teve notícias da sua riqueza - *terra roxa* – ouro verde! Foram os ingleses que abriram as portas do Norte do Paraná para construir a "Pequena Londres". O solo fértil foi a grande atração para os colonizadores em direção ao "ouro verde". Desse chão brotou Londrina. Suas diversas imagens hoje, são produtos do (per)curso histórico. Paisagens/Paisagem numa só composição. O texto procura fazer a leitura e interpretação destas paisagens/paisagem, buscando revelações por diferentes percepções e imagens poéticas. A cidade aqui, não é uma cidade "fechada" pelos "padrões científicos", mas uma cidade "aberta" que permite os mais variados imaginários e imagens. Uma cidade que pode ser (per)corrida e contemplada pela abertura à subjetividade.

*Olhar para as cidades pode dar um prazer especial,
por mais comum que possa ser o panorama.
(...) A cidade é vista sob todas as luzes e condições
atmosféricas possíveis. A cada instante, há mais do
que o olho pode ver, o ouvido pode perceber,
um cenário ou uma paisagem esperando para
serem explorados.*

Kevin Lynch, 1982

INTRODUÇÃO

Por imagens, paisagens & personagens - um olhar geográfico pelo atlas digital, pretendemos “mostrar” a cidade de Londrina através de múltiplas imagens & paisagens: cartográficas, fotográficas, poéticas e literárias. As investigações das imagens se distribuem por várias disciplinas. O estudo da imagem é, assim, um empreendimento interdisciplinar. Em nossa proposta sobre imagens, deixamo-nos, assim, guiar pelas nossas vistas, olhares, contemplação e miradas visuais e mentais sobre o nosso objeto de estudo. Não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais (SANTAELLA e NÖTH, 1999).

Paisagem vincula-se a uma maneira de ver e conceber o mundo, de compô-lo em uma cena (CABRAL, 2000). Em nossas confrontações com o mundo, encontramos combinações de artefatos com os aspectos naturais e se chamamos ou não de paisagem, sua presença é inevitável. Esses ambientes palpáveis são paisagens, que não somente possuem conteúdo e substância, mas também são os cenários significantes das experiências diárias e das excepcionais (RELPH, 1979).

Lembrando DARDEL (1952): “Algo mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido. Há uma ligação interna, uma ‘impressão’, unindo todos os elementos. E Cabral (2000) acrescenta: A princípio essa ligação interna que une os elementos da paisagem é a presença do homem e seu envolvimento nela. Assim, cada paisagem tem seu próprio conjunto e contém significados específicos para nós”. Nesse contexto surgem os personagens, na expressão de “géographicité” (geograficidade), que segundo Dardel (1952): “Mais vivida do que expressa, a geograficidade é uma idéia que encerra todas respostas e experiências que temos dos ambientes nos quais vivemos”.

A cidade é o cenário sobre o qual o ser humano vive, age, reage, transforma, constrói, destrói, reconstrói. É principalmente nas cidades que as idéias, as ações e as reações são publicadas – é a publicidade; onde pessoas sofrem reveses causados pela vida econômica, - é atrocidade; onde o que acontece logo é espalhado pela imprensa falada, escrita, televisiva, virtual – é a velocidade; onde a pobreza extrema impera, tornando os seres humanos sub-humanos – é a mendicidade; onde o que ontem era moda, era importante, hoje tem pouca ou nenhuma importância; onde as coisas caducam, ficam fora de moda com rapidez – é a fugacidade; onde as festas e o lazer



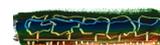
tiram as pessoas da rotina, a prece eleva a alma do religioso a Deus – é a *felicidade*; onde o roubo, a mentira, a falsidade imperam – é a *rapacidade*; onde as pessoas podem sentir amor, atração, ou repulsa, desconforto, a chamada *topofilia* – é a *geograficidade*. Tudo isso parece se processar com mais vigor no centro da cidade - seria a *centricidade*? Ou a *(ex)centricidade*? (ROCHA, 2003).

Neste contexto, a cidade se compõe por múltiplas imagens lidas e reveladas por múltiplos olhares – múltiplas percepções! Assim, a cidade é observada, contemplada, captada, compreendida e estudada por diferentes olhares, por meio de diferentes métodos, técnicas e ferramentas e os mais variados objetivos. Nessa perspectiva Bellavance (1999), analisa as representações da cidade a partir de dois ângulos: um distante, e outro, mais próximo. Ao mesmo tempo, concebe esses planos como dois momentos de um mesmo olhar. A experiência da cidade é então compreendida, a partir de uma interação profunda entre suas organizações e redes. No contexto dessa diversidade e pluralidade em conceber a cidade e suas representações, encontra-se o "Atlas Digital Urbano Ambiental de Londrina", que tem o propósito de contribuir na análise e apreensão da cidade como também, o artigo publicado na França (<http://mappemonde.mgm.fr/num1/articles/art04106.html>).

Os atlas digitais são ferramentas extremamente úteis para os propósitos de estudos e planejamento por reunirem um extenso conjunto de informações - dados, imagens e textos - sobre o território, permitindo rapidez na obtenção de informações e dados para conhecer e resolver problemas de organização espacial. Um olhar geográfico pelo atlas digital possibilita a obtenção de informações valiosas a respeito de aspectos sociais, ambientais e de associação entre eles, que podem ser de grande utilidade para subsidiar o planejamento e gerenciamento de recursos em uma série de atividades.

Através dos atlas digitais, a cartografia que sempre contribuiu para a representação e visualização de fenômenos geográficos, também vem utilizando as novas tecnologias, que somadas à cognição e à comunicação cartográfica contribuem para o conhecimento, planejamento e gestão urbana. Entre as principais vantagens dos mapas digitais em relação aos analógicos, figuram os menores custos de distribuição de material cartográfico e as possibilidades de visualização de detalhes através do recurso *zoom*: a integração de recursos multimídia, com consulta ao banco de dados associados ao mapa, a criação de mapas dinâmicos, construídos quadro a quadro, que permitem a visão dinâmica espacial e temporal do fenômeno cartografado, e o desenvolvimento de softwares.

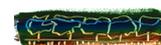
Embora exista um considerável volume de informações sobre a cidade de Londrina, o "Atlas Urbano Ambiental de Londrina" será o primeiro atlas digital da cidade disponível na Internet. A primeira fase do projeto (2003-2005), objetiva a elaboração de um atlas de comunicação sobre a produção do espaço urbano (BARROS, *et al.*, 2005). A segunda fase do projeto (2005-2007), deverá transformá-lo em um Atlas Interativo. Até o final desta primeira fase, permitirá a comunicação e o acesso de pesquisadores aos diversos produtos cartográficos. A estrutura geral do atlas envolve mapas analíticos e de síntese, textos, fotografias, dados estatísticos, gráficos e tabelas, organizados nas seções, apresentadas na figura 1.



Um rápido histórico sobre o desenvolvimento recente das tecnologias empregadas na realização de mapas permite uma melhor compreensão das tecnologias digitais. A partir da década de 1970, com o desenvolvimento de tecnologias digitais para a cartografia, foram dados os primeiros passos na disseminação do uso do computador na cartografia em direção à cartografia digital envolvendo a consulta, distribuição e utilização de produtos cartográficos. No início da década de 1980, as mudanças na produção cartográfica se devem à introdução dos sistemas de informação geográfica – SIG e ao desenvolvimento dos Programas CAD (*Computer Aided Design*). A partir da década de 1990, ocorre uma maior divulgação de produtos cartográficos; desenvolvimento de ferramentas para a produção de sistemas multimídia; sistemas digitais que integram diferentes mídias como vídeo, áudio, texto, animações, fotografias, diagramas; e sistemas de multimídia interativa. Surgem novos dispositivos de armazenamento de dados, além dos disquetes comuns, como o CD – *compact disc*, o DVD – digital vídeo disc e a *Internet* – rede mundial de computadores. Já no início do século XXI, novas pesquisas são desenvolvidas, relacionadas à utilização de diferentes formas de estruturação e o desenvolvimento de aplicações cartográficas para distribuição em meio digital, como também, a distribuição gratuita de *softwares* específicos para a realização de mapas pelo usuário.

The screenshot shows the homepage of the 'Atlas Urbano Ambiental de Londrina' website. The browser window is titled 'ATLAS URBANO AMBIENTAL DE LONDRINA - Microsoft Internet Explorer'. The address bar contains 'http://www.uel.br/atlasambiental/'. The website layout includes a navigation menu on the left with categories like 'HOME', 'MAPAS.PDF', 'IMAGEM DE SATÉLITE', 'FOTOS', and 'EQUIPE TÉCNICA'. The main content area is divided into sections with titles such as 'APRESENTANDO LONDRINA', 'CONTEXUALIZANDO LONDRINA', 'IMAGENS PAISAGENS E PERSONAGENS', 'LONDRINA CRESCENDO', 'SUBSTRATO NATURAL', 'USOS E ABUSOS NO MEIO AMBIENTE', 'O CENSO RETRATA OS MORADORES', and 'SERVIÇOS EM LONDRINA'. A right sidebar contains descriptive text about the atlas, its development by the IMAP&P group, and its purpose in supporting urban planning and research.

Figura 1 – Home-page disponível in: <http://www.uel.br/atlasambiental>



A COGNIÇÃO ENTRE OS DESAFIOS DA CARTOGRAFIA CONTEMPORÂNEA

Entre os desafios para a cartografia neste início de século, está a busca da integração do conhecimento cartográfico ao meio digital, por meio de uma arquitetura de informação cartográfica que permita a integração do mapa com outras informações, criando mapas interativos. Pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento trabalham no sentido de buscar soluções para os problemas sócio-econômicos e ambientais urbanos relacionados à gestão de recursos. As imagens geradas por meio da cartografia digital e dos sistemas de informação geográfica para representar e comunicar informações, são as ferramentas fundamentais que podem indicar novos caminhos. (ARCHELA *et al.*, 2004)

A cognição como método cartográfico envolve operações mentais lógicas como a comparação, análise, síntese, abstração, generalização e modelização cartográfica. O mapa é considerado como uma fonte variável de informações, dependendo das características do usuário. Desenvolvida a partir da psicologia, esta abordagem cartográfica trouxe grandes avanços, tanto no processo de mapeamento, em que o cartógrafo passou a ter uma preocupação maior com as características do usuário, como no processo de leitura, no qual o mapa passou a ser considerado um instrumento para aquisição de novos conhecimentos sobre a realidade representada - e os atlas digitais vêm incorporando essa concepção.

Peterson (1987) e Harley (1989), estudam como as imagens mentais consideradas na psicologia cognitiva são aplicadas na cartografia, principalmente no estudo da comunicação cartográfica e salientam que jamais devemos subestimar o poder dos mapas para a imaginação, pensamento e consciência dos leitores.

No Brasil, o primeiro trabalho na linha da cognição cartográfica foi desenvolvido por Livia de Oliveira (1978), na obra *Estudo metodológico e cognitivo do mapa*, baseado na psicologia do desenvolvimento de Piaget. Aponta a necessidade de uma metodologia para ensinar o mapa, enfatizando a urgência do desenvolvimento de uma cartografia voltada para crianças. Este trabalho, considerado como um impulso inicial na direção do ensino e aprendizagem do mapa no Brasil, deu origem a outras pesquisas em cartografia e cognição, como também, à comunicação cartográfica, sobretudo ligadas à cartografia escolar.

O desenvolvimento tecnológico contribuiu para o surgimento da cartografia digital, que se desenvolveu rapidamente, tornando-se uma área totalmente nova na Cartografia. As transformações técnicas influenciaram diretamente os produtos oferecidos aos usuários. Porém, ainda podemos considerar que vivemos num momento de transição entre o formato analógico e o digital, principalmente, se considerarmos todas as etapas do processo, desde o levantamento de dados até a fase final de mapeamento, visualização e utilização.

Taylor (1991) chama a atenção para o impacto destas novas tecnologias na cartografia. Argumenta que a tecnologia é importante, mas não pode ser a única preocupação para determinar novas direções para a cartografia. Seus impactos devem ser considerados como um desafio para a criação de um conceito radicalmente novo.



Para ele, o desenvolvimento conceitual e teórico da cartografia foi retardado, devido à ênfase dada ao mapeamento automatizado e ao SIG que são técnicas.

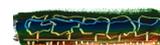
A partir das afirmações de Taylor (1994) sobre as direções da cartografia, é possível observar que a cognição cartográfica é um processo único, na medida em que desenvolve o uso do cérebro humano para reconhecer padrões e relações no seu contexto espacial. Ressalta que o conteúdo informacional dos dados só pode ser compreendido, em muitos casos, através da sua apresentação num contexto espacial ou quando esses dados são mapeados.

As novas tecnologias permitem a interação entre a cognição e a comunicação Taylor (1994) aponta o campo emergente da visualização - um campo da computação gráfica - como um bom exemplo desta ligação. A representação visual dos dados explora de maneira eficaz a habilidade do sistema visual humano para reconhecer padrões e estruturas espaciais. Este processo pode fornecer a chave para a aplicação crítica e compreensiva dos dados beneficiando a análise, o processamento e as decisões posteriores. A visualização possibilita a apreciação de características apresentadas por um conjunto de dados, transformando-os em representações visuais que podem ser mais bem compreendidas pelo usuário. Sobre a pesquisa em visualização, Taylor (1994) sugere que, assim como é possível utilizar as imagens como modelos semelhantes ao mundo tridimensional natural, a análise e a comunicação também, poderão ser aperfeiçoadas. Afirma que a utilização eficaz da capacidade de análise espacial dos sistemas visuais depende da exploração dos mecanismos do processamento.

A ênfase à visualização tem o potencial de revitalizar a cartografia para além do SIG e da cartografia digital, em direção aos atlas digitais interativos e sistemas de multimídia que incorporam o SIG apenas como uma das inúmeras tecnologias. Os conceitos deste tipo de atlas envolvem a visualização da informação, esquematização, análise comparativa, ordenação, animação, modelagem dinâmica, projeção, navegação, hipertexto, base de dados e uma capacidade para processamento de interatividade. Como a visualização, os sistemas de mapeamento digital dependem de tecnologias e, estão, na junção destas novas tecnologias com a cognição e a comunicação cartográfica.

Nestes sistemas, o mapa pode fazer parte da base de dados e ao mesmo tempo ser uma ferramenta importante para organizar a informação que estes sistemas possuem. Assim, os mapas que foram instrumentos importantes para a navegação e descoberta de novas terras agora, se tornaram instrumentos importantes para uma navegação interativa. Taylor (1994) ressalta que um mapa cujo sistema incorporou a arquitetura do espaço inclui não apenas sua otimização, mas também, nosso modo de usar esse espaço, de representá-lo e de simulá-lo.

Em outras palavras, agora navegamos através do conhecimento e essa nova forma, inclui as teorias psicológicas, semiológicas e cognitivas. É sob a forma digital que os mapas são armazenados em novos e diferentes tipos de mídia, circulam por redes de cabos metálicos ou de fibra ótica ou são transmitidos através de ondas de rádio com o uso de satélites de comunicação.



LONDRINA – PELO OLHAR DA PERCEPÇÃO DA PAISAGEM E O IMAGINÁRIO DA TERRA VERMELHA

Londrina é expressão da ventura e aventura do processo de ocupação do Norte do Paraná. Até o começo do século XX, Londrina não era conhecida. Só foi despertada nos anos de 1920, quando a Inglaterra teve notícias da sua riqueza, a *terra roxa!* Foram os ingleses que abriram as portas do Norte do Paraná para outros desbravadores e exploradores – colonizadores - , que cruzando o majestoso rio Tibagi, chegaram a esse lugar para construir a “Pequena Londres” – Londrina - Capital do Café. O solo fértil da *terra roxa* foi a grande expressão de atração e de encantamento para os colonizadores em direção à exploração do “ouro verde” através das extensas fazendas de café (GRATÃO, 2000). As terras férteis que se estendem ao longo desta região, pelos espigões, vertentes e vales da margem esquerda do baixo Rio Tibagi, são associações de formas e conteúdos e de tempos naturais – o tempo geológico e o tempo climático. Uma grande expressão destas associações e relações são as densas matas que recobriram os solos férteis antes da colonização. Hoje, esta verde cobertura encontra-se restrita a pequenas manchas (Figura 2).

O Município de Londrina, encontra-se assentado sobre estas bases de composições naturais, estendendo-se na orientação norte-sul em direção montante do Rio Tibagi: com disposição originalmente alongada, tinha a forma semelhante a uma “garrafa” em pé, com a base assentada no Sul e o gargalho voltado para o Norte. No gargalho foi implantada a Sede do Município – Londrina. Hoje, sua base encontra-se “quebrada” pela instalação de um novo município – Tamarana - instalado em 1995 – antigo Distrito Administrativo de Londrina.



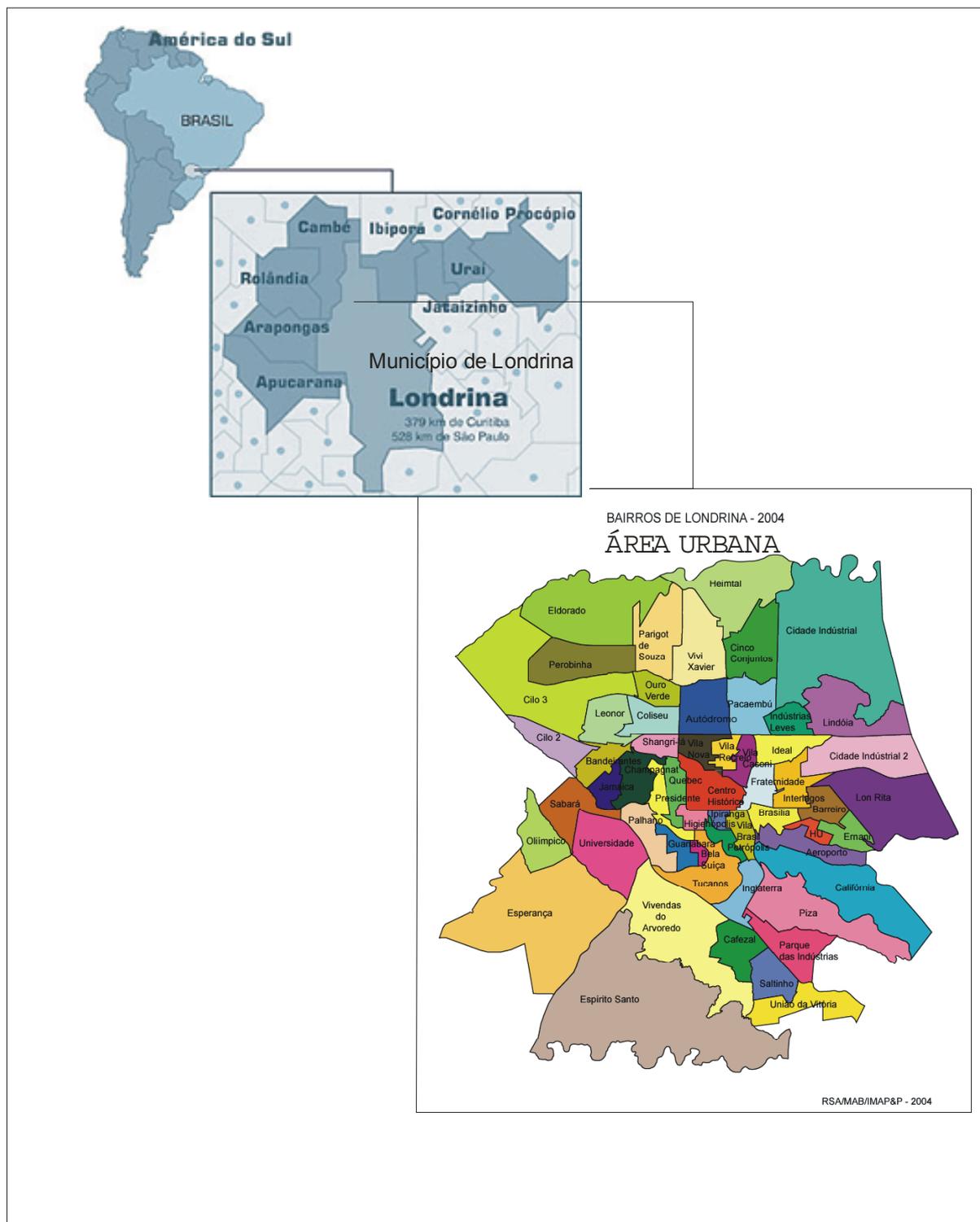
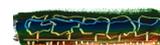


Figura 2 – Localização de Londrina

O Rio Tibagi é o grande condutor fluvial que passa pelo lado oriental do Município recebendo múltiplos tributários paralelos, acompanhando as grandes linhas de fraturamento pelo tectonismo (GRATÃO, 2000) e, que representou a grande travessia...



para os colonizadores encontrarem esta *terra roxa* recoberta pelas grandes *árvores madeiras*.

Desse “chão” brotou Londrina, “cidade que se desponta do alto do espigão esculpido em terra roxa coberta por densa mata subtropical pluvial, do Norte do Paraná, concebida pelos ingleses na década de 1920 através da Companhia de Terra do Norte do Paraná” (BATISTA,1995). A paisagem de Londrina e região é fortemente marcada pela presença do colonizador, que para viver expôs o ventre da Terra, sangrando e dizendo; “Eu sou forte, mas meus limites vão aparecer com o tempo”. Tempo do relógio e das forças do clima. A *terra roxa* que continua guardada no imaginário do Norte do Paraná, solos de “TERRA ROXA, pois afinal de contas nos terrenos, nas marcas dos tijolos das casas, nos forno de barro, no solo nu das paisagens, na transformação do verde escuro da planta de café, que apresenta gotículas de vermelho do seu fruto quando maduro, e nos pés das nossas crianças sempre estarão estampadas as marcas da Terra Roxa do Norte do Paraná”(BARROS, 2001).

Com o café, vieram os imigrantes ingleses, italianos, japoneses, alemães, judeus, árabes e muitos outros. Vieram também, migrantes paulistas, mineiros, gaúchos e nordestinos. Assim, Londrina foi sendo construída assentada e sustentada pela força da terra e dos seus colonizadores. A Londrina de hoje apresenta-se profundamente diversa da Londrina de ontem! (figuras 3 e 4). As suas diversas imagens são produtos das diferentes etapas do seu (per)curso histórico. Porém, a sua evolução não representa a perda de significações na percepção dos seus moradores. Londrina é considerada por muitos, “uma cidade bonita, com muito verde e gostosa de se viver”, segundo depoimentos colhidos por Batista (1995) e Batista & Gratão (1996).



CENAS DE LONDRINA

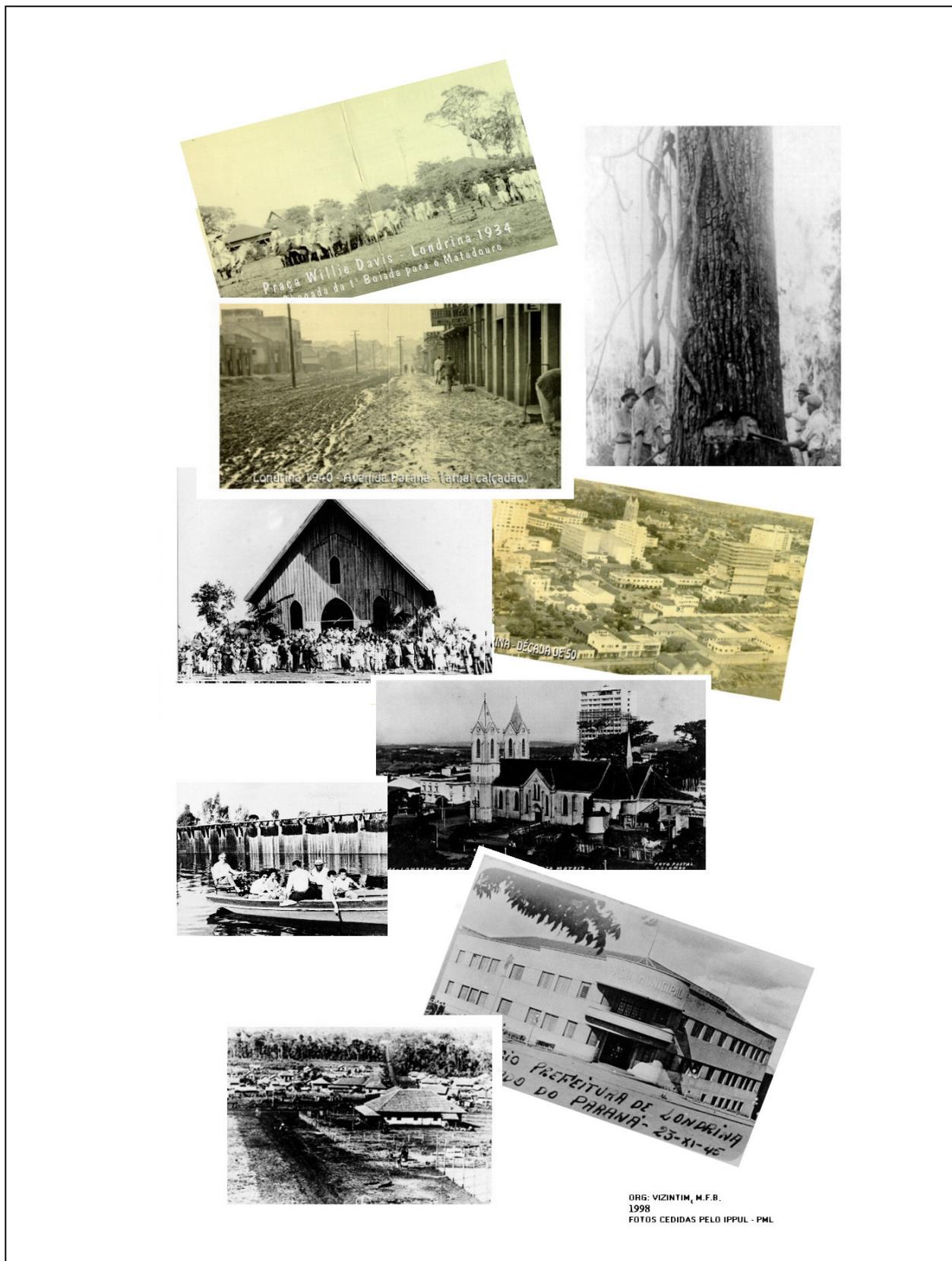


Figura 3 – Cenas de ontem (Fonte: IPPUL – PML)





Figura 4 – Cenas de hoje (Fotos do Grupo de Pesquisa IMAP & P (2004/2005) – UEL/CNPq)



Nesse construir natural e humano, a população de Londrina faz-se resultado dessa mistura de povos, que influenciou hábitos e costumes impressos nas manifestações da cultura e do ambiente definindo assim, a sua paisagem. Como nos orienta Lima (2000), “desde os primórdios da História das civilizações podemos observar que o Homem e as paisagens geográficas se encontram inseparavelmente unidos, revelando, assim, interações profundas, íntimas, sagradas ou profanas, mescladas de seu pensamento e de seu sentimento”. Continua a autora, “as inter-relações daí derivadas, não só abarcam os aspectos biofísicos, mas também envolvem toda a riqueza das dimensões psíquica, mística, espiritual, estética, fazendo emergir um diálogo entre os diferentes níveis, que ilumina os estudos sobre a natureza das experiências humanas com os espaços, lugares e paisagens”. Assim, é a paisagem de Londrina, uma expressão viva dessas associações em suas manifestações internas e externas. Paisagem e Paisagens numa só composição, com destaque para elementos que adquirem significações segundo os campos visuais e os pontos de vistas estético, social, científico e religioso. Das origens naturais às contradições sociais.

LONDRINA – IMAGENS, PAISAGENS & PERSONAGENS

Estamos rodeados por objetos que não foram feitos por nós e que têm uma vida e estrutura diferente da nossa: rios, montanhas, colinas, árvores e flores; e, também, por objetos que são criações do homem, construídos ao longo do tempo. Esses objetos não são formados apenas de volumes, mas de movimentos, cores, odores e sons. Desde séculos eles nos inspiram curiosidade e respeito e, na maioria das vezes, sua composição ou arranjo nos têm sido motivo de prazer. Temos esses arranjos “recriados em nossa imaginação e pensado neles como elementos de uma idéia a que chamamos, de paisagem. Nossa tarefa (...) é ultrapassar a paisagem como aspecto visual para chegar ao seu significado e valor” anuncia Bley (1996), nos seus estudos de paisagem valorizada.

Na leitura e interpretação da paisagem de Londrina, a declaração de Bley e seu anúncio se prestam às revelações expressas nas suas imagens, paisagens & personagens (des)veladas e (re)veladas nas diferentes percepções. Seguindo Collot (1990), não se pode falar da paisagem a não ser a partir de sua percepção. Para esse geógrafo, a paisagem se define como um espaço percebido e, a paisagem é, portanto, também construída e simbólica. Lowenthal (1985) desenvolveu diversos estudos sobre a percepção e avaliação de paisagens, buscando identificar as altamente agradáveis e determinar as qualidades que tornam tais paisagens especialmente valorizadas. O que quer dizer, que o autor procurou a explicação das preferências por determinadas paisagens.

No caminhar pelo mundo do olhar da percepção da paisagem de Londrina, encontram-se paisagens altamente agradáveis e valorizadas – paisagens topofílicas. Entre as imagens mais significativas citadas pelos moradores da cidade, encontra-se o Lago Igapó (figura 5).

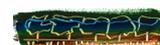


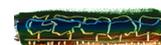


Figura 5 – Lago Igapó (Foto do Grupo de Pesquisa *IMAP & P* -UEL)

Esta é também, a imagem da cidade mais percebida e contemplada pelos visitantes. O Lago Igapó se constitui em *Lugar* para Tomazi (2004), quando revela as “*Geografias Íntimas... do Espaço Vivido ao Espaço Vivido... Lago Igapó*”, tanto como símbolo público quando é experienciado de fora apenas visualmente, quanto como campo de preferências, conhecido através de contatos e experiências mais íntimas (TUAN, 1980). O pesquisante das geografias íntimas... revela que as idéias para a concepção e realização desta pesquisa partem e vêm de encontro das experiências vividas do pesquisador em torno do Lago Igapó. “Nasci, cresci e me criei junto ao Lago..., continuo morando nas suas margens... O Lago é uma referência forte para mim e para outras pessoas também. Há um sentimento de amor por esse lugar. Causa indignação vê-lo tratado com descaso, em muitas ocasiões, e, lembrado de forma oportunista, como sinônimo de beleza e qualidade de vida, em outras” (TOMAZI, 2004).

Aqui está expresso o sentimento de pertença, de zelo, de cuidado como acentua o autor, dizendo que “com esse trabalho desejamos buscar uma aproximação mais íntima com essa paisagem e com esse lugar, pois acreditamos que dessa forma nosso olhar zeloso, nosso olhar cuidadoso (BOSI, 1995), poderá se manifestar por esse e outros lugares” (TOMAZI, 2004).

Fernandez (2004) através da “*Trilha de Imagens do Ribeirão Cambé*”, procura expressar-relatar suas experiências pelas margens desse ribeirão de águas urbanizadas, utilizando de leitura sobre algumas expressões materializadas deste *Lugar*, como as imagens vividas e clicadas por três grandes homens da fotografia (José Juliani, Haruo Ohara e Evgen Bavcar). O vínculo do pesquisador com este *lugar* é revelado quando



expressa que “esta trilha, é vista também, como um meio para despertar nos sujeitos que habitam a cidade de Londrina, um olhar de zelo e de afetividade para com estas águas tão próximas”. E ainda, acentua que o (per)curso de imagens fotográficas, nasce como uma proposta para o (re)conhecimento de Lugares e Paisagens, buscando trazer através de um enfoque poético, expressões de valor, sentimentos e topofilia (FERNANDEZ, 2004)

Diante destas imagens do Lago Igapó – imagens das águas – o que nos é revelado é um relacionamento topofílico com o rio. Esse sentimento pelas águas, pelo rio é encontrado e expresso por Gratão (2002), através da sua investigação ao longo do Rio Araguaia no capítulo ““O Rio” – Paisagem... &... Lugar...”, quando relata sua “busca” no (re)conhecimento de uma geograficidade topofílica com “O Rio”, nascida do profundo vínculo afetivo com ele. Uma geograficidade hídrica! Topofilia hídrica! – *Hidrofilia!*

Uma outra imagem muito presente na percepção de Londrina são as áreas verdes. Moradores e visitantes sempre se remetem ao verde que compõe a sua paisagem, desde o início da colonização até os dias de hoje. Batista (1995), revela que durante a sua pesquisa, a beleza natural de Londrina sobressaiu-se na percepção de seus moradores. Na observação de cada vertente em Londrina, percebemos que o verde das ruas se sobressaem sobre o colorido das formas estruturais, no encontro com o azul celeste que se estende sobre as diversidades das formas e das cores na cidade. Os jardins estão também, presentes na percepção dos moradores de Londrina. São ricos em significados e garantem uma composição de graça e de sensação de vida, oferecendo gratificação aos sentidos humanos. Os jardins espelham certos valores cósmicos e atitudes ambientais (TUAN, 1980). Quanto mais beleza natural a cidade transmitir aos olhares, melhor será sua auto-imagem. As flores adornam e encantam a paisagem. As flores possuem uma linguagem própria; são conteúdos de expressão a cada estação do ano, mas é na primavera que elas apresentam seu teatro multicores. Nesse sentido, chama-se à atenção para que a imagem da cidade no seu contexto natural, não seja colocada apenas na percepção dos artistas, na música ou na poesia, mas seja vista, percebida e vivida na sua própria imagem no seu cotidiano. “Uma paisagem feita de gente viva”, expressão de Hofmannsthal se referindo à Paris a Terra Prometida dos *flâneurs*. “ Paisagem - é isso que a cidade se torna para o *flâneur*. Ou, mais precisamente, a cidade se divide em seus dois pólos dialéticos. Torna-se uma paisagem que se abre para ele e uma sala de estar que o encerra” (WHITE, 2001). Caminhar é uma maneira de descobrir novas paisagens. O caminhar dá um ritmo orgânico aos estados mentais e esse ritmo orgânico vai ganhando significado ao colocarmos um pé depois do outro. “Caminhando, estamos no mundo, encontramos-nos num lugar específico e, ao caminhar nesse espaço, tornamo-lo um lugar, uma moradia ou um território, uma habitação com nome. Se não podemos caminhar, para onde irá a mente? Uma cidade que não permite caminhar não é também uma cidade que nega uma moradia para a mente? (HILLMAN, 1993)

Para a maioria das pessoas entrevistadas, a cidade de Londrina é relativamente limpa, bonita, com lugares característicos; uma cidade ainda jovem e entendida como pioneira, histórica, por conter em seu cenário elementos que relatam pensamentos antigos, de sua origem, como casas de madeiras , por exemplo (BATISTA, 1995).

Na arquitetura, as referências são em sua maioria voltada para as obras de grandes destaques: a Catedral, a antiga Estação Ferroviária, a antiga Estação Rodoviária,



o novo Terminal Rodoviário, os altos e modernos edifícios. O centro de Londrina é percebido como o grande “core”, pois está impregnado de significados e de atividades que são referências sobre a cidade.

Existem lugares que impressionam as pessoas. São imagens que sobressaem perante os olhos, como o Lago Igapó – elemento percebido pelas pessoas independente de classes sociais e culturais. Assim, a cidade vai se construindo e se constituindo no mundo da experiência vivida pela sua população. A organização da cidade representa seus moradores e reflete o seu meio ambiente. A maneira como se apresenta é uma expressão viva de sua imagem suas perspectivas para o futuro. Os espaços do homem refletem a qualidade dos seus sentidos e sua mentalidade (TUAN, 1980)

Ainda, pelo olhar da percepção na arte de ensinar, Batista e Gratão (2004), procurando explorar as percepções dos alunos em relação ao seu meio ambiente de trabalho e de estudo, realizaram uma investigação no Campus da Universidade Estadual de Londrina – UEL, com alunos do Centro de Estudos Supletivos - CES/UEL, observaram que a conservação da natureza pelos caminhos do Campus, o verde, as flores, os jardins, compondo a paisagem são prioridades com muita graça e beleza em meio às estruturas físicas. Na percepção da maioria dos alunos, o Campus é um meio ambiente que apresenta condições para um cotidiano de estudos, onde a natureza trás a tranqüilidade e a paz para o espírito, facilitando o aprendizado. O Campus transmite aos olhos a conservação da natureza. O Campus da UEL tem o seu significado na cidade de Londrina e a Natureza, o sentido desse significado.

Ao longo do projeto do Grupo de Pesquisa *IMAP & P* “Unidades Urbano Ambientais de Londrina: Percepção da Paisagem, Dinâmica Uso”, que teve como propósito estudar Londrina no sentido de (re)conhecer as qualidades da paisagem que a fazem especialmente valorizada e, como ela pode ser (re)construída e planejada sem perder seu valor, Silva e Gratão (2002) poeticamente, revelam: “O sol vermelho que entre os prédios nasce e se põe... os arborizados fundos de vale... as áreas verdes urbanas... o Lago Igapó... o cinza do concreto... as formas da cidade ... são signos da cidade que expressam uma relação topofílica dos habitantes ou de quem “olha” para sua paisagem”.

É assim que a cidade de Londrina pode ser apreendida, compreendida e captada por múltiplas imagens e paisagens pelos caminhos da percepção através do “olhar geográfico”. Paisagens emergem de uma única paisagem: horizontes são revelados a cada novo olhar ou reflexão, a cada momento em que um outro caminho a ser trilhado apresenta cenários e dimensões diferentes. Na expressão de Relph (1979): “Não há experiência ambiental que não seja uma experiência de paisagem”. Enquanto cenários do mundo vivido, as paisagens geográficas vislumbram horizontes de símbolos e signos em contínuo dinamismo, transmitindo mensagens que falam, silenciosamente, da percepção, da valorização, da busca dos significados inerentes às uniões e rupturas do ser humano com seu espaço vivido (LIMA, 2000).



IMAGENS POÉTICAS LITERÁRIA

A cidade por nós mostrada, apresentada e (re)apresentada não é uma “cidade fechada” pelos “padrões científicos”, mas uma “cidade aberta” aos mais variados imaginários e às mais diversas imagens. Uma cidade que pode ser (per)corrida e (con)templada pela abertura à subjetividade. A paisagem como “expressão viva de associações e relações internas e externas, que contém em seu dinamismo, o movimento, as cores, os sons e os tons da Natureza e o pulsar do Homem. Assim é Londrina, nas suas múltiplas imagens de composições naturais e intervenções humanas” (GRATÃO, 2000).

Poeticamente, a escritora londrinense Nair Paglia Piantini (2000), apresenta a cidade...

Londrina, o sonho do passado.
Londrina, a glória do presente.

No dia 21 de agosto de 1929, chegava a primeira caravana Nas terras roxas do norte do Paraná. Caravana esta composta de doze homens, chefiada por um jovem de 20 anos, George Craig Smith, designado por Mister Arthur Thomas, Diretor gerente da Cia. De Terras Norte do Paraná, filial da Plantation, de Londres.

Esse jovem vinha com a grande responsabilidade de penetrar No sertão bruto e desconhecido, a fim de tomar posse das Terras do Norte do Paraná e começar os trabalhos de Derrubadas, levantamentos de rios, córregos e fazer estradas Para o mais breve possível, iniciar as vendas de pequenos lotes Da maior empresa colonizadora da América do Sul. Dona de Exuberantes matas virgens no Norte do Paraná, que tanto Impressionaram Lord Lovat, Mister Arthur Thomas e o Dr. Willie Davids quando as visitaram em 1924.

A caravana que havia saído de Ourinhos no dia 20 de agosto Não poderia parar, portanto, chegando às margens do rio Tibagi, e como não havia ponte nem balsa, os doze homens Atravessaram o rio em canoas com seus materiais e Mantimentos. As mulas cargueiras atravessaram o rio à nado. Então, seguiram mata adentro na árdua tarefa e cada qual Com sua missão.

George Craig Smith, brasileiro, funcionário da companhia Responsável pela expedição; Dr. Alexandre Rasgulaeff, russo, Engenheiro agrimensor, contratado pelas derrubadas; Joaquim Barbosa, brasileiro, sócio de Alberto Loureiro; Spartaco Bambi, brasileiro, agrimensor auxiliar; Erwin Fröelich, brasileiro, filho de alemães, responsável pela Alimentação; Geraldo Maia e outros trabalhadores braçais, Verdadeiros heróis anônimos.

A viagem continuou: difícil e penosa. No picadão, havia Muita lama, buracos e bichos, até que, num dado momento O Dr. Alexandre, consultando os mapas e vendo as marcas Que encontrou o caminho falou: “É aqui, chegamos!”.

A jornada estava terminada.

A parada foi onde é hoje a Praça dos Pioneiros.



Construíram ali dois ranchos de palmito e se alojaram. A Vida primitiva daqueles bravos pioneiros foi um suplício, Devido à quantidade de pernilongos, abelhas, carrapatos, Borrachudos, entre outros. Sem contar os animais e os Índios que encontraram.

A esses heróis quero aqui prestar minha homenagem com Grande admiração, pois só eles puderam nos deixar esta Grande Londrina de hoje, que nasceu de muito trabalho, Coragem e suor.

A fundação de Londrina foi obra da Cia. De Terra Norte do Paraná, graças à visão de Lord Lovat. Sem ele, Londrina não Existiria.

A mesma poeta expressa...

Da lagarta renasce a borboleta de asas azuis e lindas,
No meu Rosário de saudades,
Renasce a lembrança do mais belo sertão,
Onde nasceu esta beleza que é hoje
A grande Londrina.

Em tom também poético, o pesquisador Barros (2001), expõe...

Nos pés de nossas crianças sempre estarão estampadas as marcas da Terra Roxa do Norte do Paraná.

E, à luz do imaginário da “terra vermelha”, a pesquisadora Gratão (2000), revela...

Do interior da “Selva Verde”, a grande floresta que recobria a terra vermelha surge a “Selva de Pedra” – Londrina. “A Pequena Londres” “brota” da derrubada da mata do topo do espigão, onde outrora foi uma enorme floresta que cobria o solo rico da “terra roxa”. A cidade se (a)ssenta e se estende sobre as “terras roxas” de alta fertilidade que esculpturam os longos (inter)flúvios de origem vulcânica.

E, Nair Piantini poetiza...

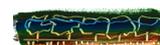
O nome Londrina – Primeira cidade fundada nas terras virgens do Norte do Paranaense.
A gentílica filha de Londres,
A primeira e mais brilhante jóia engastada pela Cia. Norte do Paraná.
Foi assim que, com grande aclamação nasce Londrina!

O orgulho da “terra vermelha” está também, na imagem política e publicitária da cidade, quando o então, Deputado Federal Alex Canziani afirma: “Eu sou pé vermelho”.

Ainda que viva na “ilha política” do Planalto Central.

Todo este imaginário que exalta Londrina! está na composição do Hino à Londrina...

Londrina!
Cidade de braços abertos
A todos os filhos do nosso Brasil!
E a todos aqueles de Pátria distantes,
Que aqui confiantes
Sob um pátio anil,
Seu lar construíram e aos filhos se uniram,
E aos filhos se uniram do nosso Brasil!



Londrina!
Cidade que sobe, que cresce,
Que brota e floresce,
Que em frutos se expande!
Que a Pátria enriquece,
Que alta, e que grande,
O encanto oferece
De sempre menina!
Londrina!
Das matas e das derrubadas,
Londrina das roças de espigas dobradas!
Das filas cerradas de pés de café!
Dos grandes poentes das tardes douradas,
De escolas ao longo, das longas estradas!
Do arado, do livro, da indústria e da fé!
De braços abertos, dá pouso e guarida,
A todos que a buscam, materna e gentil!
Porém, destemida, se os brios lhe ofuscam,
Só ser atrevida, impávida, hostil.
Seu solo fecundo, feraz, generoso
A quem, carinhoso, lhe deita a semente,
Por uma dá mil!
Padrão de trabalho plantado na História!
Londrina!
Cidade que um povo viril
Ergueu para a Glória
Do nosso Brasil!

Letra: Francisco Pereira Almeida Jr.

Música: Andréa Nuzzi

A colonização dessas terras promoveu um desfecho infeliz para a exuberante floresta restando apenas, alguns “lugares” que nos remetem a imaginar como deveria ser esplendorosa esta terra! Repleta de múltiplas imagens... cores... sons... tons... cheiros... sabores & saberes (GRATÃO, 2000).

Alguns “lugares” guardam essa “Paisagem” como elo de ligação e memória da Natureza. Alguns remanescentes são encontrados no Bosque do Centro da Cidade (figura 6), no Parque Municipal “Arthur Thomas”, porção sudeste da cidade (figura 5) e no Parque Estadual Mata dos Godoy, a 18 km da cidade (figura 5). “Lugares” que viraram “Parques”! “Um lugar que virou parque” – uma experiência vivida pelo encontro do sujeito humano e sua verdadeira essência, o encontro o encontro com suas emoções, seus medos, delírios, encantos e vibrações, proporcionadas pela sua própria natureza materializada em ambiente, assim, Safraide & Gratão (2002) revelam o encontro com a “Mata dos Godoy”. “O Portal... Uma nova placa e novo portal anunciavam que o grande encontro estava para acontecer. O Portal nos convidava a entrar solenemente na mata nativa – santuário natural. (...) Um “novo imaginário” se despertara em cada um de nós(...) Os olhos da mata... Quanto mais seguíamos adiante, mais as emoções iam se transformando. (...) o objeto da busca já não era mais a mata, como imaginávamos antes, mas sim nós”. O cheiro da terra, dos troncos das árvores, do verde e da umidade da mata nos impregnavam até a alma. (...) A cada passo uma nova surpresa – os olhos da mata brotavam! Esses “lugares” são significantes para os moradores da cidade, pois preservam “elos” de ligação com a sua Natureza, rerepresentando ainda, “lugares de



memória". "Lugares" que guardam lembranças! Os seres humanos precisam desses "elos"!



Figura 6 – Lugares ícones de Londrina (Fonte das fotos: www.londrina.pr.gov.br)

Quando investigamos a cidade é importante procurar ultrapassar a paisagem como aspecto visual para chegar ao seu significado e valor e, encontrar o "lugar" como ponto de partida da experiência geográfica (DARDEL, 1952). Lynch afirma que a cidade é o produto da percepção imediata e da memória da experiência passada e ela está habituada a interpretar informações e a comandar ações (LYNCH, 1982). Nessa direção, "mapear" a cidade é também, buscar revelações expressas na sua composição de imagens através da experiência e percepção ambientais. É (re)cuperar o significado da integração e conservação ambiental mediante o conhecimento. Um revelar da associação Homem/Paisagem. Nossa memória seleciona e retém somente uma porção das impressões sensoriais e das informações que recebemos daquele ambiente (GOULD e WHITW, 1974, *apud* OLIVEIRA JUNIOR, 1994). Se assim não fosse, nesse "mapear", haveria também lugar para a cultura dos povos que aqui viviam antes da "gloriosa" chegada dos ingleses. Só o mais significativo é preservado, neste jogo de lembrar e esquecer constantes, em cada presentificação do passado (...) Mas é essa memória que interage com o presente (re)construindo a imagem da cidade em nossas mentes (OLIVEIRA JUNIOR, 1994). E, LYNCH (1982) revela: "Quase todos sentidos estão envolvidos e a imagem é o composto resultante de todos eles". A cidade pode então, ser



mapeada, apresentada, re(a)presentada e revelada, através de múltiplas imagens - cartográficas, iconográficas, fotográficas, poéticas, literárias, musicais e cinematográficas. Quem sabe, mesmo que simbolicamente, iremos também lembrar daqueles primeiros habitantes desta encantada terra! Que hoje, só são encontrados vagando e vendendo seus cestos nas ruas e em “reservas” – “ilhas de isolamento” - destituídos dos seus valores naturais, mitológicos, cosmológicos e humanos. Aqui, apresentados e (re)apresentados pela imagem fotográfica (Figura 7).



Figura 7 –Imagem, paisagem & personagens

Fotos do Grupo de Pesquisa IMAP & P (2004/2005)/UEL/CNPq

REFERÊNCIAS

ARCHELA, Rosely S.; ARCHELA, Edison. **Bibliografia da Cartografia Brasileira**. Disponível em <http://www.uel.br/projeto/cartografia>. 2004.

BAPTISTA, Antonia M. C. ; GRATÃO, Lúcia B. Arte de Ensinar Geografia pelos Caminhos da Percepção da Paisagem – “experiências vividas” pelo Campus da UEL. In: ASARI, Alice Y. ; ANTONELLO, Ideni T. ; TSUKAMOTO, Ruth Y. (orgs.) **Múltiplas Geografias: ensino – pesquisa – reflexão**. Londrina: Ed. Humanidades, 2004, p. 107-120

BARROS, Mirian V. F.; BARROS, Omar N.F.; ARCHELA, Rosely S.; GRATÃO, Lúcia H.; THÉRY, Hervé; MELLO, Neli A.; TORRES, Eloiza C. **Atlas Digital Urbano Ambiental de Londrina – PR - BRASIL**. In: X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA. 2005, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Departamento de Geografia; 2005. 1499-1515. (CD-ROOM)

BARROS, Omar N. F. **Um Olhar sobre os Solos de Londrina e Região**. In: BOZELLI, Carlos. *Arquitetura de Madeira na Zona Rural de Londrina*. Londrina: Ed. Do Autor, 2001



BATISTA, Antonia M. **A Paisagem Urbana de Londrina através da Percepção**. Monografia (Geografia), DGEO-UEL, Londrina, 1995

BATISTA, Antonia M.; GRATÃO, Lúcia H. B. Diferentes Percepções sobre a Paisagem Urbana de Londrina. In: II ENCONTRO INTERDISCIPLINAR SOBRE O ESTUDO DA PAISAGEM, 1996. **Cadernos...** Rio Claro: UNESP, 1996, p.11

BELLAVANCE, Guy. Proximidade e Distância da Cidade: a experiência da cidade e suas representações. **Interseções**, UERJ, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p.67-86, 1999

BLEY, Lineu. Um Estudo de Paisagem Valorizada. In: **Percepção Ambiental: a experiência Brasileira** São Paulo: Ed. Melhoramentos; São Carlos: UFSCAR, 1996

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do Olhar. In: NOVAES, Adauto. (org.) **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 65-87

CABRAL, Luiz O. A Paisagem enquanto Fenômeno Vivido. **Geosul**, Florianópolis, v. 15, n. 30, p. 34-45, jul./dez., 2000

COLLOT, Michel. Pontos de Vista sobre a Percepção das Paisagens. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, v. 20, n. 39, p. 21-32, 1990

DARDEL, Eric. L' Homme et LaTerre – Nature de la réalité géographique. Paris : Ed. PUF, 1952

FERNANADEZ, Pablo S. M. **Trilha de Imagens Geofotográficas do Ribeirão Cambé: experiências de lugar por águas de Londrina - PR**. Monografia (Geografia), DGEO/UEL, Londrina, 2004

GRATÃO, Lúcia Helena B. A Poética d' "O RIO" – ARAGUAIA! De Cheias...&... Vazantes... (À) Luz da Imaginação! **Tese** (Doutorado) (Geografia), FFLCH-USP, São Paulo, 2002.

GRATÃO, Lúcia Helena B. Um Olhar pela Paisagem de Londrina: In: LONDRINA. Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento. **Atlas do Município de Londrina**. Londrina, 2000, p. 19-20

HARLEY, J. B. Deconstructing the map. **Cartographica**. Toronto, v.26, n.2, p.1-20, 1989.

HILLMAN, James. **Cidade & Alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993

LIMA, Solange T. de. Geografia e Literatura: alguns pontos sobre a percepção da Paisagem. **Geosul**, Florianópolis, v. 15, n. 30, p. 7-33, jul./ dez., 2000

LOWENTHAL, David. Geografia, Experiência e Imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRITOFOLETTI, Antônio (org.). **Perspectivas Geográficas**. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 103-141

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1982



OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslão M. de. A Cidade (Tele)percebida: em busca da atual imagem do urbano. **Tese** (Doutorado) (Educação), UNICAMP, Campinas, 1994

OLIVEIRA, Lívia. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**. Tese de Livre Docência. São Paulo, IG-USP, 1978. ((USP/IGEOG - Teses e Monografias)

PETERSON, M. P. The mental image in cartographic communication. **The Cartographic Journal**. Omaha. n.24, p.35-41, 1987.

PIANTINI, Nair. Londrina, **Meu Rosário de Saudades**. Londrina <http://www.londrina.pr.gov.br/cultura>

RELPH, Edward. As Bases Fenomenológicas da Geografia. **Revista de Geografia**, v. 4, n. 7, 1979, p.1-25

ROCHA, Lurdes B. **O Centro de Itabuna: trajetória, signos e significados**. Ilhéus,BA: Editus, 2003

SAFRAIDE, Alessandro ; GRATÃO, Lúcia Helena B. Os Olhos da Mata: caminhada perceptiva pelas trilhas do Parque Estadual Mata dos Godoy, Londrina/PR. In: MARANDOLA JR. E.; FUSCALDO, W.; FERREIRA, Y. (orgs.). **Geografia, Ciência e Filosofia: interdisciplinaridade e interfaces de conhecimento – contribuições científicas da XVIII Semana de Geografia da Universidade Estadual de Londrina**, Londrina: Ed. Humanidades, 2002, p. 214-217

SANTAELLA, Lucia e NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1999

SILVA, André S. C. da. E GRATÃO, Lúcia Helena B. O “Olhar Flâneur” pela Cidade de Londrina/PR: em busca do lugar. In: MARANDOLA JR., E.; FUSCALDO, W. C.; FERREIRA, Y.N. (orgs.) **Geografia, Ciência e Filosofia: interdisciplinaridade e interfaces de conhecimento – contribuições científicas da XVIII Semana de Geografia da Universidade Estadual de Londrina**. Londrina: Ed. Humanidades, 2002 , p. 67-69

TAYLOR, D.R. Fraser. Geography, GIS and the modern mapping sciences: convergence or divergence. **Cartographica**. Toronto, v.30, n.2/3, p.47-531-8, 1991.

TAYLOR, D.R. Fraser. Uma base conceitual para a cartografia : novas direções para a era da informação. **Caderno de Textos - Série Palestras**, São Paulo, ICA/ACI/USP, n.1, p.11-24, ago., 1994.

TOMAZI, Vicente T. **Geografias Íntimas...do Espaço Vivido ao Espaço Vívido...Lago Igapó**. Monografia (Geografia), Londrina, 2004

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores ambientais**. São Paulo: DIFEL, 1980

WHITE, Edmund. **O Flâneur: um passeio pelos paradoxos de Paris**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

